

## **EDUCAÇÃO DO OLHAR:**

### **DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO SÉCULO XXI**

Sandra Regina do Amaral  
sandrereginaamaral@hotmail.com

Resumo: ao supervalorizar o conhecimento científico em prol da desvalorização do empírico, a elite garantiu através da educação sua hegemonia, o que resultou na redução da arte a algo supérfluo e na aceitação espontânea e passiva da situação. Mas ao contrário do que foi proposto pelo racionalismo, o consciente racional nunca se desliga das atividades criadoras e, criar é uma necessidade humana. O homem em seu trabalho criativo articula tudo o que sabe e ao utilizar seu saber, ele torna-se apto a refletir e fazer novas opções. Repensar a educação do olhar (estética ou artística) é uma maneira de restabelecer na sala de aula, mas, sobretudo na vida, novas experiências e ideias, tornando as pessoas aptas a compreender as obras de arte, mas sobretudo de utilizar as diferentes linguagens, dentre elas a arte como canal de comunicação com o mundo.

Palavras-chave: conhecimento, educação, arte, linguagem.

## **Desafios: superação dos reflexos da revolução científica**

A ação de educar é um ato subjetivo, pois está relacionada à visão de homem e de mundo que se defende. É possível identificar concepções distintas até mesmo na Idade Média, quando a educação ainda era entendida como uma ação casual e empírica, sendo exercida de maneira informal e não organizada, à medida que as experiências eram vivenciadas.

Desta época, Aranha (1996, p.53) lembra que Santo Tomás considerava que a educação era “(...) a realização das potencialidades do homem”, enquanto Platão considera que a verdadeira educação deveria afastar o homem de tudo o que o prendesse a sua existência empírica: “(...) onde se acha asfixiados pelos sentidos e pelas paixões, a fim de atingir a sua essência verdadeira, no mundo das idéias”.

Dentre as discussões travadas entre filósofos e cientistas sobre a existência humana, vale destacar ainda a contribuição de René Descartes, que cria no século XVII, o cartesianismo, privilegiando a razão e considerando-a a base de todo conhecimento. Sendo contestado por Pierre Gassendi (apud Goulart, 2002, p. 37), que defende que “o conhecimento é baseado na experiência”, dando início ao movimento denominado empirismo.

Ainda no século XVII, conforme aponta Aranha (1996, p.55), Comênio propõe “(...) processos de ensino mais sofisticados que superem o mero empirismo em educação”, no século seguinte Rousseau destaca a importância do mestre conhecer aquele que ensina e defende que o fazer do artesão é uma ação filosófica. Mesmo sem muito rigor científico, vale ressaltar também as tentativas de Pestalozzi e Froebel, no sentido de mostrar que uma educação mais eficaz deveria aumentar a “(...) chance de se formar um adulto feliz (...)”.

Conforme nos lembra Aranha (1996, p.39), “(...) desde a Grécia de antes de Cristo, os homens inspiram a um conhecimento que se distinga do mito e do saber comum. Mas a ciência antiga ainda possuía uma natureza filosófica (...)”.

Enfim, o conhecimento filosófico e o científico na Grécia antiga, se mantiveram intimamente ligados.

No entanto, o movimento iluminista que se espalhou na Europa nos séculos XVII e XVIII, colocou o homem no centro do universo (antropocentrismo) e promoveu a cisão entre o conhecimento filosófico e científico, fazendo com que o saber que antes era coletivo, passasse, conforme nos mostra Aranha (1996, p.83): “(...) a ser privilégio da classe mais rica, sendo inclusive uma forma de fortalecimento do seu poder”. Deste modo os ideais iluministas defendiam a supremacia da razão e utilizava o conhecimento como instrumento de dominação, vendo na educação uma forma de mascarar a exploração e tornar a ideologia burguesa universal.

Assim, a educação institucionalizada semelhante à que hoje se conhece, é uma invenção da Idade Moderna, instituída justamente para legitimar a diferença de classes e inculcar nos indivíduos atitudes que estivessem em conformidade com as regras e interesses do grupo dominante, de modo a garantir a ordem e o poder, por meio de um processo de aprendizagem passivo.

O filósofo e cientista social Karl Marx (apud Aranha, 1996, p. 27), defende que a ideologia além de “universal, abstrata e lacunar”, ainda é caracterizada pela “inversão” em duas situações primordiais: se uma pessoa não consegue melhorar o padrão de vida, “(...) é creditado a sua incompetência, quando na verdade ela é o resultado daquilo que lhe foi negado pela sociedade”; e ainda coloca “teoria como superior a prática”, por defender uma “divisão hierárquica entre o pensar e o agir” reforçando que uma classe sabe pensar e a outra não.

Para Karl Marx (apud Aranha, 1996, p.25) “(...) toda atividade intelectual – mito, religião, moral, filosofia, literatura, ciência etc. – passa a ser compreendida como derivada das condições materiais de produção da existência”. Trata-se de um conceito denominado materialismo histórico dialético, estabelecido no século XIX, um período marcado por transformações sociais, culturais,

econômicas e educacionais, devido principalmente à produção de bens excedentes.

Neste contexto, segundo Aranha (1996, p. 83), a escola torna-se “(...) pública, leiga, gratuita e obrigatória”, acessível a toda a sociedade, inclusive, as camadas não privilegiadas. No entanto ela não se torna unitária e sim dualista, ou seja, uma para a elite e outra para a classe trabalhadora, sendo reservada a esta uma educação elementar.

Marx (apud Aranha, 1996) além de denunciar o papel ideológico da educação, defende que, através de uma revolução proletária, seria possível retirar a burguesia do controle dos bens de produção, que passariam a ser controlados pelos trabalhadores. Reconhecendo, no entanto, que:

(...) a classe trabalhadora, da forma como vem sendo obrigada a viver, não tem condições de elaborar ela própria a sua visão de mundo, contraposta à ideologia dominante. Isso não significa que o homem comum não tenha um sistema de opiniões, mas, ao contrário, as pessoas ocupadas com as atividades do cotidiano possuem formas de pensar e agir que se apresentam de maneira fragmentada, confusa, e às vezes até contraditória (p.10).

Neste contexto, conforme destaca Davis e Oliveira (1994, p. 75), que “(...) a função da escola não é a de eliminar as diferenças sociais, mas adaptar os alunos às mesmas”, garantindo menor vulnerabilidade por meio de uma violência que é simbólica, já que a desmobilização da luta de classes não se efetiva por meio de um enfrentamento físico.

Assim, a pessoa é “forçada”, segundo Aranha (1996, p.129), “(...) a agir e a pensar de uma determinada maneira, sem se darem conta, muitas vezes, de que agem e pensam sob coação”. Nesta perspectiva a escola ao transmitir as teorias que justificam as práticas sociais vigentes, diminui a possibilidade de uma reflexão mais elaborada, viabilizam a aceitação do padrão estabelecido pela elite e a supervalorização do conhecimento científico, induz as pessoas a pensarem que a verdadeira cultura é a produzida pela elite, evidenciando certo desprezo pelo saber popular.

Conforme esclarece Aranha (1996, p. 30-31) a função ideológica pode ser expressa, na medida em que as escolas “(...) educam para a passividade e obediência” numa espécie de “ritual de domesticação” que: “vai desde o controle da presença em sala de aula, chamadas, provas (...)” até a apresentação da história como sendo o resultado da ação dos “grandes homens”.

Neste contexto, a educação artística ou estética é comumente avaliada, conforme aponta Ostrower (1983, p. 20) como “(...) um passatempo, um capricho a que as pessoas se entregam de acordo com suas inclinações, mas que no fundo não faz falta a ninguém, uma atividade, portanto, perfeitamente dispensável”.

No entanto, conforme nos lembra Ostrower (1983, p. 27) “(...) a arte surge como uma linguagem natural dos homens”, por isso deve ser compreendida como um patrimônio da humanidade. Ao contrário do que fomos levados a pensar, criar não é uma ação supérflua, é uma ação reflexiva e transformadora, representa a busca por ordenações e significados, na qual o ser humano se constrói e modifica o que esta a sua volta. O homem não cria apenas porque quer ou gosta, e sim, porque precisa, enfim, criar é uma necessidade humana.

### **Possibilidades: valorização do trabalho criativo**

Trabalho é, de acordo com Aranha (1996, p.4), “a ação transformadora dirigida por finalidades conscientes”, que “não é solitária, mas social”, por isso, também é cultural. Cultura é, neste sentido, “a transformação que o homem exerce sobre a natureza, mediante o trabalho, os instrumentos e as idéias utilizadas nessa transformação (...)”.

O trabalho é então uma ação coletiva que requer planejamento e comunicação, o que se torna possível, de acordo com Oliveira (1997) por meio da linguagem, que tem a função de organizar, articular e orientar o pensamento. Neste

sentido, a linguagem, dentre elas a arte, afasta o homem de sua essência biológica e fortalece sua essência social.

Defende-se então que a arte é um trabalho criativo que comunica uma reflexão sobre a realidade. Refletir, do latim “reflecteres”, significa, de acordo com Aranha (1996, p. 42-43), “(...) retomar o próprio pensamento, pensar o já pensado, voltar para si mesmo e colocar em questão o que já se conhece”.

Conforme demonstra Aranha (1996, p.9): “(...) toda ação humana é sempre carregada de ingredientes teóricos (explicações, justificativas, intenções, previsões etc.)”, e toda teoria é a expressão de ações já realizadas ou por realizar, evidenciando assim a união dialética da teoria e da prática, denominada práxis.

Dá-se, segundo Ostrower (2003, p. 149), um processo dialético, no qual as estruturas intelectuais e emocionais são afetadas e tornam-se em parte conhecidos e conscientes e em parte permanecem “(...) desconhecidos, inconscientes”. Por isso, apesar de o trabalho ter finalidades conscientes, vale destacar que o consciente racional nunca se desliga das atividades criadoras, portanto é no viver que o homem “(...) se transforma e altera os componentes de seu equilíbrio interior”, por isso é capaz de responder a vida espontaneamente e estabelecer relações novas.

Por isso Ostrower (2003, p. 125) defende que “Na obra de arte, qualquer que seja o estilo e a época, transparece uma tomada de consciência ante a realidade vivida (...)”. Deste modo algumas pessoas, ao terem contato com a arte, têm a sensação de que ela diz coisas que já sabiam, mas que não tinham consciência que sabiam. Esta sensação é resultado da experiência de mundo, que além da razão, também é constituída de crenças, emoções e intuições.

Nesta perspectiva a intuição é uma valiosa ferramenta do trabalho criativo, e ao contrário do que alguns pensam, ela jamais dispensa a razão, de acordo com Ostrower (1983, p. 58) intuir significa “questionar, indagar, apreender e avaliar

o real das coisas, intuitivamente, é um caminho de conhecimento típico do homem. Caminho dos mais criativos (...). Desse modo tanto artistas, quanto cientistas ao darem depoimento sobre o ato de criar “(...) são unânimes em afirmar o mesmo: as idéias ou as noções decisivas lhes vieram intuitivamente”.

A arte propicia, de acordo com Fischer (1987, p. 13), a “(...) união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para circulação de experiências e idéias”, por isso vem assumindo em cada sociedade, múltiplas e complexas funções.

(...) algumas vezes predominará a sugestão mágica, outras a racionalidade, o esclarecimento; algumas vezes predominará a intuição, o sonho, outras o desejo de aguçar a percepção. Porém, quer embalando, quer despertando, jogando com sombras ou trazendo luzes, a arte jamais é uma mera descrição clínica do real. Sua função concerne sempre ao homem total, capacita o “Eu” a identificar-se com a vida de outros, capacita-o a incorporar a si aquilo que ele não é, mas tem possibilidade de ser (...) (p. 19-20).

É importante perceber que seja na escuridão medieval, ou nas luzes do Iluminismo, a arte não se limita a descrever o real, porque além do que se vê a arte expressa os sonhos, os desejos, os medos, a intuição. Isto porque frente a qualquer situação da vida, o indivíduo é delimitado por uma série de fatores de ordem material, ambiental, social, cultural, afetiva e emocional, que afetam as estruturas intelectuais, sendo este o germe da transformação e a possibilidade eminente de mudança.

Vale destacar ainda que o trabalho criativo é um ato de transformação que pressupõe liberdade, entendida neste caso, como alguma coisa que é dada ao homem, devido sua capacidade de compreender o mundo, projetar mudança e realizar esses projetos. Neste sentido Fischer (1987) defende que o capitalismo libertou para a arte forças tão poderosas quanto para o sistema econômico, já que pela primeira vez na história, o artista tem uma liberdade para criar que chega ao absurdo.

Mas conforme destaca Ostrower (2003, p. 160) trata-se de uma liberdade aparente, defende-se “(...) em termos teóricos, o ideal de uma liberdade

absoluta, sem limites” quando na realidade o que se percebe é uma falsa liberdade já que o indivíduo não tem clareza de sua situação de alienação.

Ampliando a compreensão do termo liberdade na concepção capitalista, Aranha (1996, p. 66) destaca duas posições contrárias, dentre elas a liberdade incondicional, na qual “o homem teria uma liberdade absoluta, podendo escolher ou não um ato”. E, contrária a esta liberdade vem à idéia do determinismo absoluto, neste caso, “o homem, à semelhança das coisas, sofre tanto constrangimento externo e interno que apenas tem a ilusão de escolher livremente”. No entanto, o impasse provocado por essas duas posições contraditórias: a liberdade incondicional e o determinismo absoluto pode:

(...) ser superado a partir de uma visão dialética da liberdade, pela qual descobrimos o homem como sendo de início um ser situado a múltiplas determinações, mas, como é um ser consciente, ao tomar conhecimento da situação onde se encontra inserido e dos obstáculos antepostos, é capaz de agir sobre a realidade, transformando-a (ARANHA, 1996, p.66).

Por isso a proximidade entre arte e ciência constitui-se como uma atividade ameaçadora ao sistema social de classes, podendo colocar em risco a hegemonia burguesa por evidenciar a capacidade humana de associação, apropriação, dominação e transformação; por fazer emergir no ser humano suas aptidões, sua capacidade de interrogar, de procurar respostas, de descobrir, de repensar, de reestruturar.

### **Pensando a educação do olhar**

A história que aparentemente é marcada pela descontinuidade, já que o poder ora esta nas mãos de uns, ora nas mãos de outros, na verdade é marcada por uma continuidade de luta de classes, por isso pensar uma revolução proletária nos dias de hoje, no qual somos coniventes com o sistema econômico vigente, mesmo que por coação, parece impossível porque fomos levados a pensar de forma fragmentada, confusa, e às vezes até contraditória.

A modernidade, especialmente após a eclosão do iluminismo buscou desarticular a noção de sujeito, libertando-o das superstições e da ignorância, o que deveria ampliar as possibilidades do homem de ser e conhecer, no entanto também colocou a razão no lugar dos costumes, porque isso era interessante para o fortalecimento da hegemonia burguesa. De modo que a escola, cumprindo sua função ideológica, facilitou a continuidade da dominação de uma classe sobre outra, buscando ocultar as diferenças de classe e garantir a aceitação da cultura da elite sem críticas.

A superação da abordagem individualista pela social, pressupõe uma abordagem mais dialética na qual os pólos contraditórios, como indivíduo-sociedade, reflexão-ação e teoria-prática, sejam reflexionados de modo a transformar a educação em um ato intencional e eficaz para todos e não apenas para uma parcela da população.

Neste sentido a educação estética ou artística pode contribuir como passaporte de reflexão dos padrões instituídos. Assim como em outro momento a educação buscou inculcar no indivíduo padrões que atendiam a hegemonia burguesa, pode ser chegada a hora de instituir a educação com outro olhar, servindo assim aos interesses de um grupo social maior.

É preciso aprender a olhar, mas não apenas para enxergar, mas para deliberadamente ampliar os canais de comunicação com o mundo. Ver nesta perspectiva pressupõe um olhar investigativo, que busca compreender gestos, movimentos e expressões, que entenda a história da humanidade como a somatória das ações de todos, estabelecendo com a história um olhar de proximidade, de ver a arte como obra que revela as experiências de pessoas que diante de propostas e valores sociais, se comunicam.

A arte, por constitui-se como uma linguagem formal, que se apresenta de forma não-verbal e que justamente por isso amplia os canais de comunicação estabelecidos com o mundo, por contribuir para a constituição desse olhar sensível, que permite descobertas, conhecer e reconhecer.

O que pressupõe como desafio a superação dos reflexos da revolução científica, sendo necessário repensar o papel da educação, do professor e do ensino da arte. Mas como a arte traz em si a eminente possibilidade de buscar respostas, de permitir o reencontro do ser humano com suas potencialidades, a educação do olhar, pressupõe, sobretudo, repensar em termos teóricos e práticos, o papel social da arte.

É preciso superar as práticas de ensino do século XIX, afinal, nossos alunos atuarão no século XXI, e as habilidades e competências que serão exigidas deles, não sabemos. Mas é certo que não há mais espaço para a recepção passiva de informações prontas e acabadas, que mostra a história, como feito de grandes homens. Vivemos em outra velocidade, mais que nunca é preciso compreender que a história esta sendo construída hoje e agora.

É preciso aprender a refletir para compreender o que for necessário, quando for necessário. As máquinas cada vez mais assumem os trabalhos repetitivos e mecânicos, cabe então aos homens o trabalho criativo. A educação do olhar tem no século XXI o desafio e a possibilidade de formar um indivíduo investigativo e afetivo, um ser sensível.

O que pressupõe primeiramente instigar a curiosidade dos alunos, pois o olhar curioso possibilita enxergar o mundo de forma ativa, permite olhar para o desconhecido na busca do conhecimento. Enfim, o olhar pode ser a principal ferramenta para a educação do século XXI.

## Referências Bibliográficas

- ARANHA, M. L. A. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.
- DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. *Psicologia na Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- FISCHER, E. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Guanabara S.A, 1987.
- GOULART, I. B. *Psicologia da Educação*. Fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Universo da arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

## Currículo Resumido:

Sandra Regina do Amaral é Arte-Educadora, Doutora em Ciências da Educação (2010), Mestre em Ciências da Educação (2009), Especialista em Educação Especial Inclusiva (2008) e Psicopedagogia (2003). Graduada em Artes Visuais (2005), Artes Plásticas (2003) e Pedagogia (2001). <http://lattes.cnpq.br/9317278536379864>. Atua como pedagoga na PMVV, professora de Metodologia do Ensino da Arte, Seminários e TCC na AUFES.